

Dossiê Ensino de História**“O que é História?”: reflexões sobre a presença de fanzines no ensino de História para jovens infratores**

“What is History?”: reflections on the presence of fanzines in the teaching of History to young offenders

Giovanna Kopp da Cruz,¹ UFSM

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as diversas possibilidades de criação e uso de fanzines na área da educação, especialmente de História, em espaços convencionais ou não de ensino. Através da discussão sobre o surgimento dos fanzines, abordaremos também o conceito de transposição didática para apontar a conexão profunda entre os conhecimentos acadêmicos e escolares, pensando que o diálogo permanente destes são também possibilidades para o uso de ferramentas tais como os zines. Por fim, uma experiência prática junto a jovens em privação de liberdade será utilizada para pensar a relevância do uso dos zines na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação; Fanzines; História; Jovens infratores; Transposição didática.

Abstract

This article aims to reflect on the various possibilities of creation and use of fanzines in the area of education, especially History, in conventional or non-conventional teaching spaces. Through the discussion about the emergence of fanzines, we will also address the concept of didactic transposition to point out the deep connection between academic and school knowledge, thinking that the permanent dialogue of these are also possibilities for the use of tools such as zines. Finally, a practical experience with young people in deprivation of liberty will be used to think about the relevance of the use of zines in contemporary times.

Keywords: Education; Fanzines; History; Young offenders; Didactic transposition.

Introdução - o que é zine?

Os fanzines, popularmente chamados zines, tornaram-se um dos meios de expressão mais disseminados do mundo contemporâneo, especialmente entre a população marginalizada. Foram criados entre as décadas de 1930 e 1940 nos Estados Unidos da América, mas foi nas décadas de 1960 e 1970 que sua disseminação se deu de forma mais ampla e generalizada, contando com o apoio do movimento punk inglês (Andraus, 2009, p. 3). No Brasil, foi também neste contexto de domínio e descaso das grandes editoras durante os anos 60, que os zines começaram a surgir, permanecendo até a contemporaneidade como mecanismos de expressão artística e organização política.

¹ Graduanda em História Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

De qualquer forma, convencionou-se chamar de fanzine toda produção de revistas alternativas que o fossem em todos os aspectos de sua criação, desde quem produzia até a forma de divulgação ao público. Neste sentido, é importante sinalizar melhor estes aspectos. Compreendendo que surgem já em uma sociedade capitalista e hierarquizada, com mercados editoriais padronizados e visões hegemônicas sobre o fazer artístico, os zines representam tentativas acertadas daqueles indivíduos marginalizados neste meio social, econômico, político e, principalmente, cultural.

Seus produtores e produtoras foram e são pessoas excluídas das normas sociais vigentes e que buscam desenvolver dispositivos para que suas vozes também possam circular, ainda que de forma independente. Fazem isso elaborando suas próprias revistas e edições, expressando suas pesquisas particulares, seus gostos artísticos e/ou científicos, defesas e ideários, com uma ampla variedade de formatos, cores e apresentações gráficas. Dispondo as ideias ao longo das páginas - que podem ser coloridas ou em preto e branco, feitas à mão ou digitalmente e impressas em quantidades estabelecidas -, o fazem como melhor entendem o ato, em um movimento quase caótico de formatação (Andraus, 2009).

Por ser uma expressão à margem do que se enuncia enquanto padrão, os zines transformaram-se em um grande mecanismo de posicionamento daqueles e daquelas que os produzem, inovando concepções e contestando os valores da ideologia dominante (Zavam, 2006, p. 23). Por não terem uma circulação e difusão privilegiadas e oficializadas, sua produção envolve baixos custos, já que o retorno também não trará grandes quantias; é neste aspecto que acaba sendo mais uma vez estigmatizado, ao passo que quem lhes produz também denuncia todas estas condições precárias. Ademais, a feitura dos fanzines cria desde muito tempo grandes redes de escritores/as, poetas, artistas, desenhistas, grupos com ideias em comum, etc (Nascimento, 2019, p. 13), não reconhecidos nos espaços formais de divulgação, mas reconhecidos nos não convencionais.

Enfim, muitas características marcam a existência dos fanzines, mas ao mesmo tempo os zines não se limitam à elas, podendo ultrapassar definições, lugares socioculturais e objetivos ao longo do tempo. Justamente pelo seu teor de reivindicação, de sua intenção de modificar as relações de poder e o alcance ao conhecimento que elas determinam, subvertendo aquilo que é dito e por quem, e desestabilizando as estruturas de produção e reprodução (Zavam, 2006, p. 26), que os zines apresentam esse caráter de movimento, deslocamento e rebeldia.

Este trabalho visa refletir sobre esta caoticidade dos fanzines a partir das múltiplas possibilidades que eles permitem para a educação, dentro e fora da sala de aula,

transformando ainda mais o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos escolares. Percebendo que aqui também pode ser mais um dos espaços de atuação, criação e utilização de fanzines, abordaremos uma experiência com eles pensando nos locais não convencionais de ensino e estudantes subalternizados por sua condição de privação de liberdade. Isto depois de percorrer um pouco sobre transposição didática.

O que a transposição didática tem a ver com os zines?

Muito já se produziu acerca do uso e deslocamento dos conhecimentos históricos acadêmicos para a estrutura escolar, dentro das salas de aula e nas disciplinas e conteúdos a serem ministrados; apesar de ser um assunto complexo, em linhas gerais o chamamos de transposição didática. O que importa para este trabalho, por meio deste viés, é pensarmos um pouco mais sobre como se dá esta relação entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos escolares, e os recursos que podemos utilizar para dar vida prática a esta conexão - por exemplo os zines.

Inicialmente, é fundamental salientar que tanto a História acadêmica como a História escolar são legítimas e necessárias, possuindo cada uma sua lógica de funcionamento e uma configuração cognitiva (Monteiro, 2007, p. 83) própria. Ao trabalho não interessa de maneira alguma simplificar, banalizar ou distorcer a complexidade de ambos conhecimentos científicos, porque concordo com Moniot e Monteiro quando apontam que:

[...], a História tem como principal aplicação ser comunicada, divulgada, [...]. A História é fonte de referência e está presente em várias dimensões e espaços da vida social atual. Ela não é apenas um objeto, um relato do passado dos homens, ela é uma linguagem partilhada e uma prática (Moniot *apud* Monteiro, 2007, p. 106).

O ponto é que são conhecimentos distintos, que trocam saberes entre si e dialogam - ou deveriam - constantemente; isto porque os saberes também envelhecem, ficam gastos e entram para o senso comum (Monteiro, 2007, p. 87), necessitando que sejam atualizados a partir de novas pesquisas que surgem (em ambientes acadêmicos) e que sejam ensinados através das novas dinâmicas e demandas sociais (também, mas não exclusivamente em ambientes escolares regulares).

Quando falamos de transposição didática, portanto, passamos por toda uma estrutura ainda muito hierarquizada, padronizada e conservadora que faz uma seleção cultural de quais saberes pesquisados devem ser transmitidos e trabalhados na escola; esse movimento, claro, trará implicações, repercussões sociais e políticas, negações, ocultamentos e ênfases

(Monteiro, 2007, p. 82-83), porque as universidades e escolas também ocupam um espaço na sociedade, sendo influenciadas pelas ideias e práticas que decorrem dali. Acredito que desde esse ponto já fica bastante evidente a aproximação que os zines podem ter da prática de transposição didática e o potencial inovador e questionador que auxiliam a construir nos ambientes de educandários.

Dessa forma, a cultura escolar e o campo científico da didática têm uma atuação muito específica ao transformar o saber acadêmico em um saber ensinado nas salas de aula (Chevallard *apud* Monteiro, 2007, p. 84). Tal atuação envolve um controle do que se ensinar, como já foi dito, mas além disso também precisa levar em conta as necessidades do processo de aprendizagem, de forma progressiva e que se adeque para diferentes públicos, idades e níveis de complexidade. Opções acabam sendo feitas por aqueles que realizam a transposição, impactando métodos de ensino, conteúdos escolhidos e recursos; estas opções se constituem também por relações de poder, narrativas, interesses e valores da sociedade vigente e seu modo de organização, que aponta o que é “importante” de ser ensinado.

Não há dúvida de que muitas partes deste percurso não são decisões do professor ou da professora de escola regular básica que atua em diversas frentes e turnos e recebe somente os ordenamentos; na verdade, muitos agentes e órgãos estão envolvidos na complexidade que é o funcionamento da educação brasileira. Entraríamos ainda em outras discussões se colocássemos em pauta as diferentes realidades entre a escola pública e a escola particular, em locais rurais ou urbanos, com variadas estruturas de coordenação, contando com a falta ou a multiplicidade de recursos e assistências, etc.

Aqui não cabe deliberar sobre estes aspectos, mas compreender que a transposição didática, ainda que passe por muitos campos, ocorre e é necessária para que se consiga dar conta de muitos conhecimentos em sala de aula - ainda mais na disciplina em questão, que aborda muitos anos da existência dos seres humanos -, mesmo que possamos e devamos questionar quais são eles e porque são eles e não outros. O uso de zines em sala de aula ou em ambientes educacionais vem ao encontro deste questionamento, acredito, e sem dúvida outros recursos e metodologias poderiam se juntar à lista.

Como veremos à seguir, a organização de um zine didático passa por estudar o que autores do assunto estão pesquisando e escrevendo, o que é um contato constante com a universidade; depois, chega o momento de transformar aquela linguagem mais rebuscada para algo mais cotidiano e que caiba na dinamicidade de uma sala de aula, utilizando da caoticidade e da criatividade que estas revistas alternativas nos dão para dispor as informações, imagens e cores. Atualmente, entendo que os zines são uma das formas de

expressão e comunicação com mais apelo entre os jovens, como o era desde sua criação, permitindo que a juventude compreenda e demonstre seu protagonismo através de uma ferramenta que faz esta ponte entre ações dentro da escola com o cotidiano dos estudantes (Nascimento, 2019, p. 13).

Entender isto e adaptar nossas atividades para que recursos como o zine tenham espaço faz parte das novas práticas que a escola contemporânea exige para a produção e construção do conhecimento (Nascimento, 2010); com isto em mente, a seguir irei destrinchar um pouco do processo de feitura de uma zine didática.

Processo de organização do zine “O que é História?”

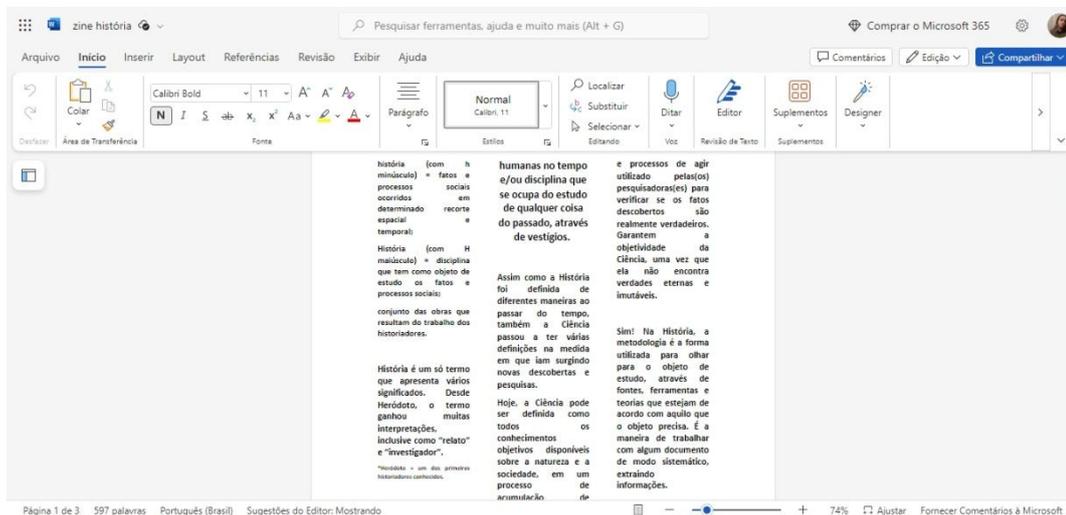
Como qualquer elaboração de material, conteúdo ou produto nas ciências humanas, esta zine começou a ser feita pelas leituras e fichamentos. Indo atrás de algumas das bibliografias sobre teoria da História que tive acesso ao longo de minha formação, retomei alguns teóricos que desenvolveram acerca da temática para me munir de informações pertinentes e compor este pequeno livro. A ideia era encontrar aquilo que sintetizasse a definição de conceitos importantes que são mobilizados ao longo do estudo da História, mesmo que nem sejam notados com exatidão.

Com as leituras feitas e as observações demarcadas, foi o momento de transpor didaticamente aquelas palavras complicadas e explicações densas, de modo não a simplificar o conhecimento, mas torná-lo mais palpável para o cotidiano escolar. Organizei no Word, primeiramente, esta seleção (Print de esquema 1). Seleção, sim, pois aqui compreendo que os métodos de ensino e a escolha de conteúdos a serem ministrados, salvo as especificidades dos locais de atuação educacional que tendem a “amarrar” a atuação do/a professor/a, partem também de análises e leituras destes/as, em diálogo com suas turmas e realidades. Neste momento, tentei reescrever as informações que apreendi da leitura daqueles autores de uma maneira mais informal, sem muitos malabarismos de grafia e no vocabulário. Optei por dividir o zine nas seguintes partes:

- Significados básicos (do termo História);
- O que é estudo científico?;
- E ciência?;
- A História tem método?;
- O que são fontes?;
- E teorias?;
- Conceitos?;

- História é ciência!;
- Bibliografia.

Imagem 1: Organização da seleção de informações no Word

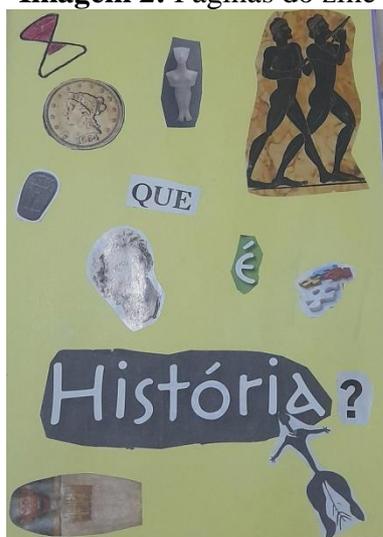


Fonte: Acervo próprio, 2023.

Apesar destas palavras que poderiam parecer estranhas aos estudantes, constatei que todas elas eram de grande pertinência para que possamos ter uma primeira noção do que é feito o estudo da História, o que fazem as e os historiadoras/es, o que é a ciência e as razões pelas quais podemos dizer que História também é e parte de um estudo científico, as diversas referências que as e os profissionais da área utilizam para construir suas afirmações, etc. Definitivamente, uma introdução ao estudo histórico. Com isto, o próximo passo foi me conectar com o lado artístico de mim mesma.

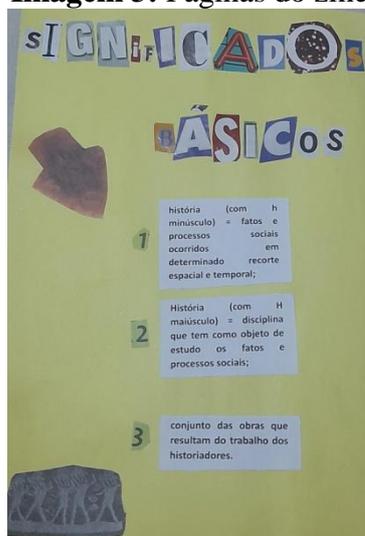
Imprimir em partes pequenas cada texto e recortei cada um deles. Procurei em meus antigos livros didáticos e em algumas revistas imagens e desenhos que tivessem relação com aquilo que imprimir ou com assuntos da História. Recortei letras separadas e unidas, assim como sinais de pontuação; em alguns momentos esta atividade ficou um pouco mais complicada, então também escrevi à mão com caneta. Depois desta procura, especialmente das inúmeras figuras que representam fontes históricas e que estão presentes ao longo de toda a zine, coleí tudo em três folhas A4 coloridas, dobradas no formato de um livro para que uma folha virasse duas. Aproveitei para enfeitar as folhas impressas com outras folhas coloridas ao redor, além de colar lãs em algumas delas. E assim, minha zine ficou pronta, de maneira informativa, colorida e chamativa, com suas seis páginas frente e verso (Imagens 2 à 13).

Imagem 2: Páginas do zine



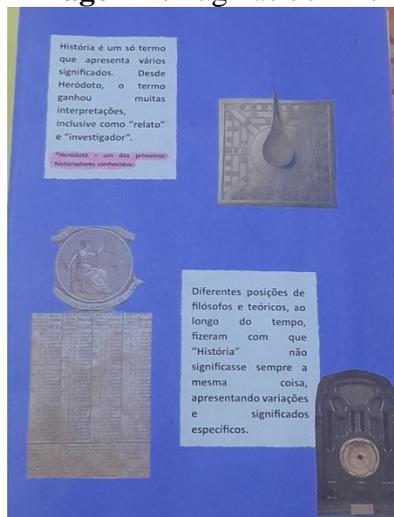
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 3: Páginas do zine



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 4: Páginas do zine



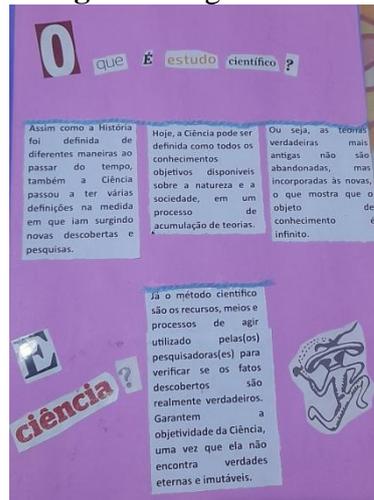
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 5: Páginas do zine



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 6: Páginas do zine



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 7: Páginas do zine



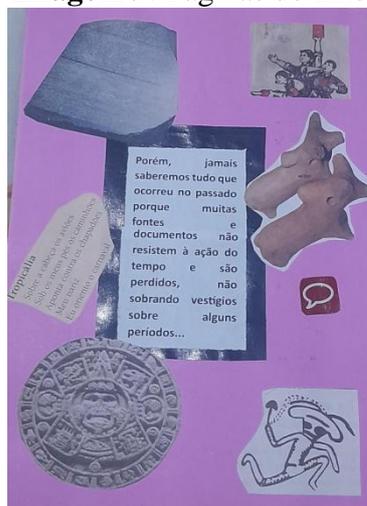
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 8: Páginas do zine



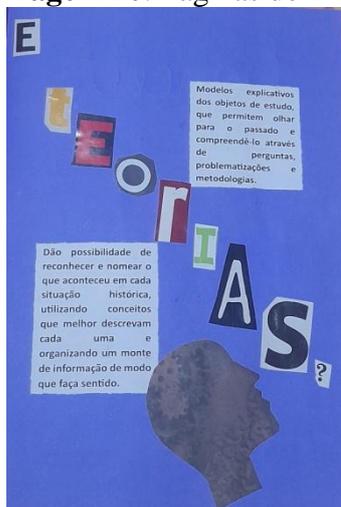
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 9: Páginas do zine



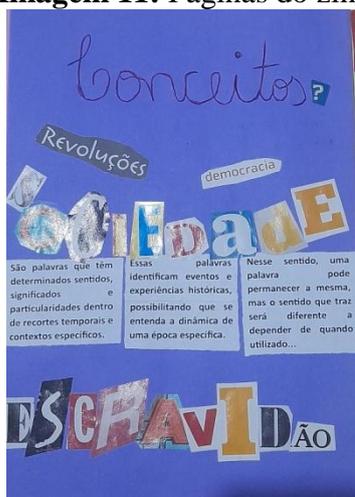
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 10: Páginas do zine



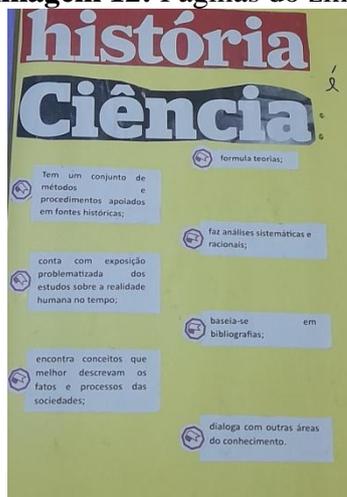
Fonte: Acervo própria, 2024.

Imagem 11: Páginas do zine



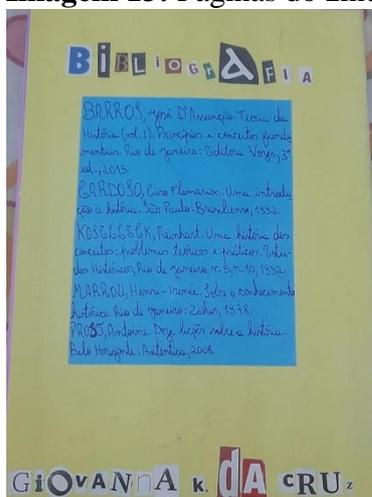
Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 12: Páginas do zine



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Imagem 13: Páginas do zine



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Acredito que sua produção tenha atingido os objetivos que lhe dei: ser um material que apresente o conhecimento histórico de uma forma não convencional, que é o que o zine se propõe. Na medida em que eu ia construindo a revista, movimenteí minha criatividade e pude distribuir as informações de acordo com minha vontade e minhas intenções. Tornou-se, inclusive, um meio de ir tornando cada vez mais concreto para mim mesma aquilo que estudei, demonstrando que as formas de estudo podem ultrapassar modelos tradicionais e já ultrapassados de “copiar, colar e gravar”. Agora, meu propósito era conseguir ampliar esta noção para os estudantes, fazendo com que uma parte do estudo da História que pode ser tão maçante e complicada - teoria da História e seus principais conceitos e funções - se torne um pouco mais aproximada do interesse deles, uma vez que esta parte é extremamente essencial para que todo o restante do conhecimento histórico possa ser devidamente compreendido.

Contexto de utilização do zine e relevância do material

Dado que o processo de organização e criação do zine “O que é História?” já foram esclarecidos, importa saber qual o contexto do ambiente educacional e dos estudantes que lá se encontram que tiveram contato com a produção. Pensei em criar a revista para que servisse, além de todos os elementos apontados, também como uma alternativa ao uso de recursos mais desgastados, como a aula expositiva através de slides - ainda que a Escola Estadual de Ensino Médio Humberto de Campos (Imagem 14) tenha acesso a um significativo número de recursos e ambientes propícios para sua realização. De todo modo, sobre a Escola, ela está localizada em uma região urbana e periférica de Santa Maria - RS, anexa ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) da mesma cidade e, de modo estadual, é vinculada à Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE).

Imagem 14: Ambiente da Escola Estadual de Ensino Médio Humberto de Campos, anexa ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) de Santa Maria - RS



Fonte: Acervo próprio, 2022.

A Escola atende adolescentes em privação de liberdade pelo cometimento de algum ato infracional, entre 12 e 21 anos de idade e do sexo masculino, que devem ser escolarizados (medida de socioeducação) enquanto cumprem sua pena de internação (provisória, com possibilidade de atividade externa ou sem possibilidade de atividade externa). A Escola conta com uma estrutura organizacional que aborda equipe diretiva, supervisão escolar, orientação escolar, professores e agentes de segurança, além de um número variável de estudantes que podem permanecer de 45 dias até 3 anos na instituição. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e dialogando frontalmente com os direitos humanos, a educação de qualidade, equitativa e permanente é direito dos jovens infratores, aliada à uma futura reinserção social que seja digna e cidadã.

Meu vínculo com a E.E.E.M. Humberto de Campos se deu através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ao longo de quinze meses de observações do ambiente escolar e das relações construídas ali dentro, e atuações na aula de História, e mais três meses sem presencialidade no educandário. A Escola abarca Ensino Fundamental (6º ao 9º ano e EJA) e Ensino Médio, de acordo com o estágio de aprendizagem que os estudantes ocupam antes de entrar na Escola e no Centro. Apresenta seis salas de aula, sala das e dos professores, laboratório de robótica, sala de biblioteca e recursos criativos, sala da direção, sala de atendimento especializado, banheiros e cozinha.

A atividade com o zine foi realizada no dia 26 de março de 2023 para três estudantes - as turmas no E.E.E.M. Humberto de Campos costumam ser formadas por poucos alunos - que estavam retomando os conteúdos sobre conceitos básicos em História que a professora da

disciplina já havia introduzido. Mesmo que seja possível apontar melhorias para outras vezes que utilizar o zine como recurso didático, penso que usá-lo na minha explanação conseguiu atrair ao menos um pouco a atenção dos meninos para as informações, imagens e cores presentes na pequena revista. Não tenho fotos do momento da aula porque não estava liberada para levar o celular para dentro da sala, mas foi um momento interessante em que o “monopólio” da fala não ficou somente à cargo de mim ou da professora regente, mas os estudantes também interagiram e conversaram, trazendo exemplos da própria realidade e vivência.

Após este momento inicial, entreguei folhas coloridas e revistas para os meninos, para que eles próprios construíssem seus zines a partir do que compreenderam da minha aula e da aula que a professora já tinha dado sobre a temática, podendo partir também de suas anotações, do que lembram de seus estudos de História ou daquilo que conseguem relacionar com suas vidas e bagagens que trazem lá de fora. Acho que aqui se encontram pontos importantes sobre a relevância da criação de um zine para o contexto de internação e socioeducação dos meninos: este último elemento aponta para uma educação que não somente tem como objetivo central o estudo de conteúdos descontextualizados do mundo em que se vive, mas uma formação que seja plena e crítica, que prepare para a cidadania que o futuro retorno social trará (ou deveria trazer) e para um desenvolvimento pessoal e social (PPP, E.E.E.M. Humberto de Campos, 2018). Enquanto que o zine utilizado na educação também vai na contramão dos métodos conteudistas que são cobrados ao pé da letra e depois os estudantes não recordam mais, sendo um espaço de experiências coletivas, de contato com o lúdico, de dar oportunidade ao protagonismo estudantil, às produções independentes e autorais, e à voz de diversas identidades por tantas vezes silenciadas (Nascimento, 2019, p. 4-7).

Houve, logo no início, um pouco de resistência por terem que fazer uma atividade manual, o que é compreensível caso este não seja um exercício periódico, mas logo os estudantes estavam fazendo suas revistas enquanto conversavam e davam risada. Lembrando deste momento, penso no uso livre e inusitado que o zine pode ter, ao passo que demonstra a efetivação do conhecimento se fazendo na relação, no diálogo, na escuta, na observação. É imprescindível aprendermos cada vez mais que a sala de aula é movimento e partilha de saberes, viabilizadora de uma cidadania cultural (Nascimento, 2019, p. 4) que dá forma aos sentimentos e pensamentos dos estudantes a partir de seus próprios temas cotidianos, sem que para isso tenhamos que deixar de lado nossas disciplinas e conteúdos - importante momento, inclusive, para dialogar com várias áreas do conhecimento!

Teria diversas outras observações para fazer acerca desta atividade, mas como aqui o recorte é outro, apenas adiciono que a atividade foi iniciada, mas não pode ser finalizada no mesmo dia ao longo dos dois períodos destinados à aula de História para aquela turma. Pretendia retomar a oficina para que os meninos pudessem finalizar seus zines em outro momento, mas pela própria dinâmica movimentada da instituição, tivemos de seguir com outras atividades e demandas e as próprias turmas se alteram com frequência. Todavia, a parte que pudemos realizar juntos foi muito interessante, abriu possibilidades novas de reflexões e atuações em sala de aula, e mostrou a relevância de atividades que sigam esta concepção mais ampla e aberta. Relevância esta que penso ser ainda mais evidente quando pensamos na realidade conflituosa que envolve aqueles meninos no CASE, com a suspensão de seus direitos de ir e vir, muitos deles marcados pela exclusão, preconceito e estigmatização, ausência de vínculos afetivos, emocionais e sociais, assim como o não reconhecimento de suas próprias identidades.

Sem mencionar a infância que tantos deles tiveram tiradas de si, junto aos estudos interrompidos pela falta de assistência estatal, pela condição de risco social, consequências e sequelas do uso de drogas, desestruturação familiar, etc. Se vê de tudo ali dentro. As escolas que passaram em outros momentos podem também ter tido um meio nisso ao não cumprirem seu papel socializador de abarcar as diversas culturas sociais, agindo mais como instituições que afastam do que agregam. São estes elementos, e outros vários, que se unem às transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais que ocorrem entre os 12 e 21 anos de idade, modificando relações, valores, identidades e rompendo com laços e vivências que outrora operavam (PPP E.E.E.M. Humberto de Campos, 2018).

Acredito ter perpassado por ao menos algumas das considerações que compreendo trazerem a relevância do uso de zines no ensino. Finalizo apontando que diversas outras experiências são possíveis, ainda mais dentro do ensino-aprendizagem de História, que é certamente facilitado caso utilizemos ferramentas e abordagens tais como esta, permitindo um ensino crítico, problematizador, sensível e que se aproxima das realidades e demandas dos nossos estudantes e da sociedade num todo a partir de discussões acadêmicas transpassadas para o ambiente escolar convencional ou não.

Conclusão

Penso que consegui alcançar meu objetivo com este trabalho, de ser mais um espaço para que possamos refletir sobre a presença dos fanzines na educação, dentro e fora de espaços convencionais, transformando de forma ainda mais profunda o diálogo - que deve ser

contínuo e permanente - entre os conhecimentos acadêmicos e escolares para que a utilização de recursos inovadores e questionadores siga sendo uma possibilidade.

Referências Bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 – Escritas, imagens e criação. **Caderno de resumos e Programação do Congresso de leitura do Brasil (17º COLE)**. Campinas, julho de 2009, p. 1-16.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História (vol. I). Princípios e conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 3º ed., 2013.

BRASIL. Lei 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). In: Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 jan. 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm>. Acesso em: 11 mai. 2024.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Escola Estadual de Ensino Médio “Humberto de Campos”. **Projeto Político Pedagógico - PPP**. Santa Maria, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

MARROU, Henri-Irenée. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 81-111.

NASCIMENTO, Iana Francisca Quirino do. Manifesto Zine – Engrenagem do Ensino. **5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais: Democracia e Direitos Humanos – crises e conquistas**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019, p. 1-18.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 9-28, jan./abr. 2006.